

Desenhando com palavras

A artista Marilá Dardot, que estará na próxima Bienal, constrói seus trabalhos a partir da relação com a literatura

Por Fernanda Lopes

A relação da artista plástica Marilá Dardot com a literatura começou cedo: quando ainda era criança, com as histórias que o pai contava antes de dormir. “Muitas eram histórias que ele inventava na hora, e eu gostava de ver como a narrativa ia se construindo naqueles momentos. Eram histórias fantásticas, como a de uma menina que morava em um prédio que não tinha elevador nem escadas”, lembra a artista, selecionada para participar da 27ª Bienal de São Paulo.

As palavras e a literatura hoje são o ponto de partida para os trabalhos da artista mineira, que primeiro cursou Comunicação Social para depois fazer o curso de Belas Artes na Escola Guignard. “Em vez de desenhar com linhas, escrevo. Em vez de compor com cores, componho com palavras”, aponta Marilá. “Acredito nas palavras, no poder utópico do texto, na pertinência do diálogo, e na capacidade de usar a linguagem para afetar o outro, para mudar um pouquinho o mundo. Meu trabalho nasce de um desejo de compartilhar, e o que mais tenho para oferecer vem do que sou, de como olho para a vida, e o meu olhar foi desde cedo contaminado pela literatura”, completa, lembrando de uma frase de Manoel de Barros: “Sou puxado por ventos e palavras”.

Alguns trabalhos de Marilá Dardot trazem no título referência a autores e obras. É o caso de Biblioteca de Babel, trabalho inspirado no conto homônimo de Jorge Luis Borges. O escritor argentino é uma forte referência no trabalho de Marilá. “O que me atrai em Borges é sua escrita precisa, enxuta, sua capacidade de misturar ficção e realidade de forma que já não saibamos mais quais os limites destas categorias”, aponta. Biblioteca de Babel é uma instalação que começa com uma pergunta: “Há algum livro que você gostaria de compartilhar com o mundo?”. É a partir dela que Marilá, a cada montagem, convida as pessoas a participarem do trabalho emprestando à biblioteca um livro seu, que considerem imprescindível em uma biblioteca. Os visitantes também podem acrescentar seus volumes à biblioteca ao longo da exposição. No final, todos os livros são devolvidos aos proprietários. A cada nova montagem o acervo da biblioteca se transforma.

As estantes da Biblioteca de Babel são construídas com caixas, objetos normalmente usados para o transporte de objetos. No meio do ambiente há redes, almofadas, e esteiras, que devem ser usadas para quem quiser se deitar para consultar os livros. O ambiente é complementado com plantas e outros trabalhos da artista, como A meia-noite é também o meio dia (2004). A frase de Nietzsche levou a artista a encomendar um relógio de ponteiros dupla face, como os encontrados em estações de trem e metrô. Diferente dos relógios tradicionais, onde os ponteiros levam 12 horas para dar uma volta completa, os ponteiros do relógio de Marilá demoram exatamente 24 horas para dar uma volta completa. “É um relógio que propõe um tempo modificado, retardado, mais lento. Ora parece atrasado, ora adiantado. Ele coincide com o horário oficial de Brasília apenas ao meio-dia”, explica a artista, uma das cinco vencedoras da primeira edição do Prêmio CNI-SESI Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas.

Em outros trabalhos, Marilá usa a forma do livro. É o caso de O Livro de Areia (1999), outra referência da artista a Borges. Em um conto homônimo, o escritor conta a fantástica história de um homem que adquire de um estranho um livro infinito, que sempre muda ao ser manuseado. O livro de Marilá tem as páginas de espelhos, que ao refletirem o entorno torna-se também um livro de imagens infinitas. Um trecho do conto

de Borges está reproduzido no início do livro, enquanto no final está o fragmento 91 do filósofo grego Heráclito, no qual diz que um homem não se banha duas vezes nas águas do mesmo rio. Outro objeto-livro é Sob Neblina. Em 2004, Marilá começou a colecionar frases com a palavra silêncio, tiradas dos livros que ia lendo. “Ao compor este arquivo, percebi o quão polissêmica é essa palavra, que pode evocar de terror a calma, de desprezo a cumplicidade. Assim fui classificando os tipos de silêncio”, explica. Parte do arquivo se materializou em 20 cadernos de vidro, cada um com dez diferentes frases.

Frases de diferentes autores também estão em Pensamento a Fora, apresentado na primeira exposição individual em sua cidade natal, Belo Horizonte, em 2002, no Museu de Arte da Pampulha. Marilá artista clonou as plaquinhas de identificação do museu trocando as mensagens originais, que restringem ações, como não pise na grama e proibido o trânsito de bicicletas, por citações de escritores como Fernando Pessoa e Nietzsche, sobre tempo, vida, natureza e velocidade, abrindo a percepção do visitante. Em outro trabalho da mesma exposição, A Origem da Obra de Arte, Marilá transformou o espaço em uma espécie de atelier de jardinagem, deixando à disposição dos visitantes vasos de cerâmica feitos em forma de letras do alfabeto, terra, instrumentos de jardinagem e 12 tipos diferentes de sementes. As pessoas podiam plantar as letras, formar palavras e colocá-las do lado de fora da sala.

Para a Bienal de São Paulo, Marilá está desenvolvendo um trabalho inédito refletindo sobre o tema “Como viver junto”. A instalação reunirá vídeos que mostram um jogo de dados entre duas pessoas. “O trabalho investiga o processo de construção de um diálogo, de um pensamento e de uma forma de convivência entre duas pessoas a partir do que lhes é dado pelo acaso e pelas circunstâncias. É a metáfora de um relacionamento em contínua construção”, explica a artista, que há alguns anos também desenvolve um trabalho voltado para o espaço público e urbano em parceria com a artista mineira Cinthia Marcelle.

Assim como a obra de Marilá, a nova edição da Bienal também estabelece uma relação com a literatura. O tema “Como viver junto” foi inspirado no título do livro que reúne os seminários de Roland Barthes, realizados entre 1976 e 1977, publicado no Brasil pela editora Martins Fontes. O mesmo livro aparece em um dos trabalhos da artista. Durante uma noite de insônia em 2005, Marilá lembrou de uma cena do filme Uma mulher é uma mulher, de Godard, em que dois personagens se comunicam através dos títulos dos livros de sua estante. Insone é um trabalho em que Marilá reúne fotos das lombadas de livros de sua biblioteca. Além do livro de Barthes, estão publicações de Clarice Lispector, Gabriel García Marquez e Hélio Oiticica, entre outros.

Fernanda Lopes é jornalista e mestre em História e Crítica da Arte pela UFRJ.